

# FESTAS CULTURAIS: Tradição, Comidas e Celebrações.

---

MÉRCIA SOCORRO RIBEIRO CRUZ  
JULIANA SANTOS MENEZES  
ODILON PINTO

## RESUMO

Este artigo tem por finalidade traçar um esboço das festas, crenças, hábitos e tradição da cultura popular da Bahia. Parte do princípio de que todo espaço ou lugar possui uma significação de existência que o torna singular, definidor de uma identidade que vem constituir pertencimento pelas práticas exercidas no cotidiano da comunidade de modo a consolidar uma referência para o lugar ou região. Assim, quando falamos das festas culturais, surgem saberes peculiares que atravessaram muitas existências das comunidades em suas práticas simbolizadas nas comidas, no artesanato, celebrações e demais manifestações culturais. O estudo foi fundamentado em Cascudo (2002), Da Matta (1988), Hobsbawm (1997), Canclini (2006), Moesch (2002), Gadini (2007), Carvalho (2007) entre outros. Dividimos em três partes, a saber: Patrimônio Cultural Imaterial, uma herança da sabedoria milenar; As festas e as celebrações na construção das relações sociais; O aparato dos bens

simbólicos que acompanham os festejos na cultura popular.

Palavras-chave: Patrimônio, Festas, Tradição, Cultura Popular, Turismo.

**A**o abordar as culturas populares representadas nas festas, crenças, hábitos e tradições, nos saberes do patrimônio cultural brasileiro, revelados na gastronomia, nas danças folclóricas, nos ritos e celebrações, buscamos enfatizar que todo espaço ou lugar possui uma significação de existência que o torna singular, definidor de uma identidade que vem constituir pertencimento, e por que não dizer identidades, uma vez que expressões culturais diversas convivem em um mesmo espaço e dialogam entre si.

Tais práticas exercidas no cotidiano da comunidade vêm consolidar referência a um grupo ou a uma comunidade em uma região. Assim, quando falamos das

festas culturais inseridas no Brasil, surgem saberes peculiares que atravessaram muitas existências das comunidades nas suas práticas simbolizadas nas comidas, no artesanato, na música, na dança, celebrações e demais manifestações culturais.

Importa ressaltar que as festas culturais são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais. Assim, as misturas étnicas entre negro, índio e branco resultaram em um alicerce etnográfico comum a todo território com suas tradições de ordem religiosa e social firmadas no Brasil.

O estudo objetiva traçar um esboço das festas culturais na Bahia, suas expressões e relação com o turismo. Conforme Gadini (2007, p. 54), “a origem da referência cultural remete a pelo menos três elementos históricos que instituem a vida social: experiência / sobrevivência, imitação e imaginação”. São elementos que se

cruzam e dialogam de forma complementar ou mesmo contraditória. O artigo compõe-se em três partes, a saber: Patrimônio Cultural Imaterial, uma herança da sabedoria milenar; As festas e as celebrações na construção das relações sociais; O aparato dos bens simbólicos que acompanham os festejos na cultura popular.

De acordo com Carvalho (2007, p. 64),

as manifestações culturais estão no centro do espaço ocupado hoje pelos estudos folkcomunicacionais. A partir deste diagnóstico inicial, as mesmas podem ser entendidas como formas de expressão da cultura de um povo, constituindo movimento de determinada cultura, em época e lugar específicos.

Nesse sentido, as manifestações culturais são representativas da voz social, “uma forma subjetiva que o grupo de pessoas encontra para expor seu interior, expressar o que pensam, o

que desejam realizar ou modificar” (Ibid. p. 64).

Devido à confluência de diferentes culturas no Brasil, foram ampliadas as maneiras com as quais o povo brasileiro celebra seus rituais, seus santos, suas festas de largo, suas colheitas, suas datas comemorativas delineando ricas manifestações culturais.

É de interesse turístico conhecer, valorizar e utilizar-se dessas práticas culturais como atrativo para a viagem. Para Moesch citando Mafessoli (2002, p.45),

pode-se dizer que o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, os lazeres não podem ser considerados elementos sem importância ou frívolos da vida social. Expressão das emoções coletivas, eles constituem uma verdadeira “centralidade subterrânea”, um irreprimível querer viver, que convém analisar.

Nesse entendimento, cada povo busca viver e entrar em comunicação com outros povos. Trata-se de uma ordem de comunicação simbólica na perspectiva de Moesch (2002, p. 45). Está presente na música, no consumo, no turismo, no esporte, nas diversas práticas que estruturam a realidade social e não o supérfluo. Dentre tais modalidades particulares se encontra os costumes que são festejados, celebrados e registrados.

Na Bahia, observa-se que as manifestações culturais são resultantes de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. Assim, afirma Carvalho (2007, p. 66), “com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não”.

Tais renovações observadas ao longo do tempo, em maior ou menor intensidade, nas manifestações culturais é o que

interessa ao abordar os aspectos elencados da folkcomunicação nas culturas populares.

## **PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, UMA HERANÇA DA SABEDORIA MILENAR.**

**É** notório que o patrimônio cultural refere-se direta e indiretamente ao passado. Assim, tal como a tradição, é sempre construído a partir do presente e reconfigurado em suas práticas e simbologias no tempo-espaço. Segundo Oliven (2003, p.77), “o termo “patrimônio” - em inglês, *heritage* - refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido”. A palavra é de origem romana: *patrimonium* e significa “bem de herança que é transmitido dos pais para os filhos por força da lei” (CHOAY, 2001,

p.11). Durante muito tempo, o termo foi entendido como o coletivo das obras monumentais, as grandes propriedades de luxo, as edificações oficiais e igrejas. Na verdade, essa seria a noção de patrimônio histórico. Há algumas décadas, verifica-se o alargamento deste conceito com a inclusão do aspecto cultural e das “dimensões testemunhais do cotidiano e os feitos intangíveis” (PELLEGRINO, 2003, p.1), propiciando a transição da noção de patrimônio histórico para patrimônio cultural.

Os bens patrimoniais são materialidades e práticas culturais que se destacam no tecido urbano e nas manifestações populares por mediar diferentes e memoráveis fatos históricos e personagens ilustres ou por representarem heranças culturais, técnicas e estéticas de tempos passados. Os bens provenientes do passado carregam traços culturais de seu tempo e os interpretam no presente, compondo um espaço em suas múltiplas paisagens (PELLEGRINO, 2003). Esses espaços são ressignificados

ou reconfigurados (SIMÕES, 2002), sendo devolvidos à comunidade preservando os seus aspectos históricos e culturais.

Os bens patrimoniais, no que diz respeito à sua esfera material, podem ser incluídos num grupo diversificado de monumentos e seu entorno, os conjuntos arquitetônicos e sítios urbanos históricos, Igrejas, Palácios, Conventos, Solares, Casas Grandes, construções de luxo e conjuntos de utensílios. São considerados bens patrimoniais imateriais as manifestações das culturas populares, festejos tradicionais, rituais, técnicas produtivas, cantos, contos, lendas, além de hábitos, costumes e crenças de uma sociedade.

Confirmando esta idéia de bem patrimonial material e imaterial, Barretto afirma:

“a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, incluindo não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações

artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos” (BARRETTO, 2002, p.11).

O patrimônio cultural requer cuidados e preservação a fim de que, como depositários de saberes e fazeres, de expressões reveladoras da memória que aponta para identidades, que no caso do Brasil são muitas, não se percam no tempo-espaço, mas sejam reconfigurados através dele. Para Oliven (Ibid, p. 79),

a distinção entre bens materiais e imateriais não é pacífica. (...) uma bandeira é um pedaço de tecido, ao qual os habitantes de uma nação atribuem um significado igualmente sagrado. A comida é material, mas a culinária é imaterial. Como separar ambas?

Assim, questões pertinentes ao patrimônio histórico e artístico quando se reporta aos bens materiais e imateriais também chamados hoje de intangíveis, são discutíveis. “Como tratar daqueles bens que são imateriais e que constitui o que é hoje chamado de patrimônio intangível? Desejamos que um ritual uma vez registrado nunca mais se modifique? Um prato típico definido pode ser alterado?” (OLIVEN, 2003, p.79).

Outras perguntas surgem com referências às práticas e manifestações culturais, pois tudo que cerca o homem está em transformação constante. Trata-se, como diz o autor citado acima (Ibid, p. 79), de “algo qualitativamente diferente do patrimônio cultural e que necessita ser elaborado do ponto de vista conceitual”. Surgem dessa perspectiva, os registros dos saberes e fazeres, a exemplo da proposta apresentada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2002, de registrar o acarajé no

## Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial.

Assim, os fragmentos do passado explícitos nas edificações, nos espaços, nas ruas, nos saberes e fazeres de um povo são importantes maneiras de conhecimento de sua história e das suas relações sociais. Esses fragmentos ativam a memória, fazendo com que o passado se mantenha vivo no presente e que se façam projeções para o futuro, por meio das imagens projetadas no imaginário, no momento em que se observam seus monumentos e que manifestações culturais são revividas.

Nesse sentido, o passado pode ser conhecido na medida em que manifestações populares são revitalizadas, fazendo um percurso em que o passado é somado com as experiências do presente e reinterpretado. A memória se faz importante por sua capacidade de agir sobre o presente, contribuindo para a afirmação da identidade.

Seguindo este raciocínio, a busca da memória torna-se uma questão

essencial diante das transformações advindas da globalização que impõe uma cultura cada vez mais homogênea, provocando no indivíduo um sentimento de perda da identidade, de seu passado e de suas raízes. Segundo Nora (1993), a busca pela memória está ligada ao fenômeno conhecido como mundialização, democratização, massificação e mediatização que envolve o mundo inteiro, impulsionando uma ruptura de um elo de identidade, uma ruptura com o passado e a substituição da memória pela efemeridade da atualidade. Assim, o sentimento de continuidade torna-se importante, fazendo com que haja locais de memória porque os meios de memória já foram perdidos. Os lugares de memória são lugares híbridos, mutantes, enlaçados de vida e morte, onde as manifestações culturais são revividas.

Essa busca pela memória se, por um lado, indica uma crise de identidade, por outro, de acordo com Abib (2007) tem provocado um fortalecimento de

determinadas formas culturais e manifestações populares que até um recente período corria o risco de desaparecimento. Para esse pesquisador, tais manifestações culturais experimentam uma revitalização, um reconhecimento e uma revalorização notáveis, deixando perplexos os defensores da preservação das tradições populares que não acreditavam que esse passado pudesse vigorar com tanta força no presente. Essa revitalização das manifestações não só ajuda a suprir essa necessidade de memória, contribui também para o fortalecimento da identidade, aproximando a comunidade da sua própria história.

## **AS FESTAS E AS CELEBRAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS**

As festas e comemorações populares sempre fizeram parte da vida do

homem. É por meio dessas manifestações que “a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica” (BELTRÃO apud TRIGUEIRO, 2007, p.107). Nessas manifestações, aspectos sinalizadores do processo de hibridação cultural, que aconteceu na Bahia, revelam saberes e fazeres característicos do índio-nativo, do negro-africano e do branco-europeu, delegando uma variedade culinária, musical e religiosa muito grande. Segundo Trigueiro (2007), é por meio das observações e das interpretações dessas manifestações populares que se torna possível descobrir os códigos, as regras e os estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da nossa cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento da nossa identidade. Nesse sentido, nas manifestações populares como festas religiosas ou profanas e comemorações diversas são observadas não só o fazer artístico, mas também as relações sociais que

perpassam pela realização dessas manifestações e que traduzem a linguagem, a expressão do pensar, do fazer e do sentir característico de um povo.

Festas são momentos sociais nos quais os homens reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem e, assim, constroem suas identidades sociais, afirma Mazoco (2007). Nessas ocasiões, as atividades humanas se voltam para a representação da existência de um grupo, revelando seus traços culturais.

Na festa de Santa Bárbara, que acontece no Largo do Pelourinho todo ano no dia 04 de dezembro, é oferecido um caruru, comida típica da Bahia herdada dos africanos, como uma obrigação religiosa. Em torno do preparo e oferecimento da comida, há toda uma simbologia representada pela mesma. No imaginário afro-baiano o caruru ficou sacralizado pelo uso de quiabos, inclusive alguns inteiros; segundo costume, quem desses últimos se servir deverá interpretá-lo como um anúncio

de que o santo homenageado está pedindo para o próximo ano um novo caruru.

Dessa forma, durante as celebrações e festividades, a comida adquire características culturais diferenciadas, especiais, que são reveladas desde a preparação até o servir. Por exemplo, a preparação do caruru servido em algumas festas de santo como Cosme e Damião e Santa Bárbara, é um momento que segue um ritual do fazer culinário quando as mulheres reúnem para produzir nas panelas e fogões e, ao mesmo tempo, partilham e ampliam contatos com o mundo e com o que é sagrado, oferecendo muito quiabo (LODY, 2004). O servir também segue um ritual específico, já que, no caruru de Cosme e Damião, também conhecido como caruru dos meninos (CASCUDO, 2002), há a tradição de servir primeiro as crianças, oferecendo-lhes também pipoca e balas.

Por muito tempo, oferecer caruru, na Bahia, significava apenas um traço cultural de herança africana, visto como

uma obrigação religiosa, um pagamento de promessa. Entretanto, para Lody (2004, p. 23) “quase o mesmo que festa, caruru é um bom motivo para reunir amigos, devotos e familiares, e, juntos celebrar datas pessoais ou coletivas e partilhadas, como aquelas que evocam santos populares”. Esse é um bom exemplo para se compreender as transformações culturais pelas quais as festas e comemorações populares vêm passando ao longo do tempo e com essas transformações novas maneiras de se relacionar.

Assim como o caruru, o carnaval também vem sofrendo modificações em relação às festas tradicionais. De acordo com Cascudo (2002), nos meados do século XIX, o carnaval não passava de tímidas manifestações populares. Hoje, no Rio de Janeiro e em Salvador, por exemplo, essa festa se apresenta como uma grande manifestação popular marcada por muito brilho, fantasia e música, onde novas maneiras de identificação e realização social são construídas. Sobre esse assunto,

Trigueiro (2007) afirma que o mundo está constantemente criando, reinventando novos significados culturais. Com isso, as festas natalinas, carnavalesca, juninas e tantas outras estão sendo influenciadas pelos interesses da indústria cultural, sendo inseridas no contexto da sociedade midiática por serem polissêmicas, multicoloridas e alegóricas, atraindo não só a comunidade local, mas pessoas de outras comunidades e turistas, misturando as culturas. Como consequência, são construídos novos significados e novas relações sociais nos quais são incorporados valores midiáticos aos valores tradicionais. É nesse contexto híbrido, no qual se misturam rituais tradicionais com características contemporâneas, celebrados nas festas populares, que novas relações sociais são construídas, “temperadas com as vinculações culturais e as conversações com os outros de fora dos seus territórios que vão constituindo as identidades e os estatutos de convivência e conveniência

cultural do local com a cultura global” (TRIGUEIRO, 2007, p.109).

Nessa perspectiva, as festas e comemorações populares são entendidas como ativadoras das relações humanas, já que é nesse contexto que se dá a interação com o outro e que relações coletivas são recriadas e reinventadas ao incorporar características culturais diversas.

## **O APARATO DOS BENS SIMBÓLICOS QUE ACOMPANHAM OS FESTEJOS NA CULTURA POPULAR**

Nos festejos populares, as práticas do passado chegam ao presente revelando características culturais que identificam o lugar por meio de um aparato de bens simbólicos. Sobre esse assunto, Trigueiro (2007, p.107) afirma:

São essas práticas do passado que chegam ao presente, com as suas

diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades.

As festas populares, na Bahia, são, em sua maioria, influenciadas por crenças onde se mesclam a tradição católica e a afrodescendente, que caracterizam o ser baiano e que estão cada vez mais inseridas no contexto de produção e consumo de bens culturais locais e globais.

Assim, essas manifestações de fé que se traduzem em festas populares implicam a produção de vestimentas, música, comida, objetos específicos para a celebração cultural, que levam brilho, som, cor e sabor para os participantes. De acordo com Lody (2004) a fé é festa. Festa que acontece na rua, na praça e no largo, palcos para a expressão da religiosidade do ser baiano que vem acompanhada de devoções, danças,

rezas, comidas típicas, hinos e músicas. “A festa é mais larga nas barracas de comidas, nos tabuleiros das baianas de acarajé, no samba-de-roda, no som mecânico, no berimbau, no pandeiro, na palma da mão” (LODY, 2004, p.5).

Nesse sentido, os festejos da cultura popular são considerados bens patrimoniais de natureza imaterial que englobam outros bens patrimoniais como a gastronomia, as danças, as músicas e adereços que identificam o lugar e são produzidos e compartilhados durante os festejos.

Na festa de Santa Bárbara, por exemplo, há todo um aparato de bens simbólicos que particularizam a festa e a produção de seu andar: a cor vermelha, que simboliza o sangue que por ela foi derramado; espada, instrumento de sua decapitação e símbolo de sua coragem; a pena de pavão, simbolizando a imortalidade, dentre outros. Além disso, unindo a santa ao candomblé, o acarajé e o caruru servidos após a procissão e as rezas dão “sabor” à

comemoração, particularizando essa manifestação cultural baiana.

Os aspectos simbólicos da comida são aqueles que, segundo Da Matta (1988, p.620), “hacen que um conjunto más o menos universal, de alimentos se transforme para ser percebido y comido como “comida brasileña, em oposición a otras sociedades, etnias, naciones y culturas”. Portanto, a comida também nos identifica e está presente onde há festas, comemorações, celebrações e rituais.

Na Bahia, temos a comida de santo presente no candomblé como a “comida que se oferece ao orixá quando se deseja homenageá-lo ou pedir sua ajuda em questões particulares. Cada orixá tem a sua própria comida, a maioria de origem africana”. (CASCUDO, 2002, p. 149). A verdade é que a comida está sempre presente, particularizando, definindo e identificando pessoas pelas preferências e gostos traduzidos no modo de fazer.

A festa em louvor aos santos nos ajuda a compreender esse contexto híbrido

onde a tradição na celebração coletiva conquista novos adeptos, que constroem novos eventos e identidades, experimentam tradições, trazem as memórias africanas e atualizam o ser baiano.

Os adereços e indumentárias produzidos e usados nas festas populares também são carregados de simbologia, traduzem a herança cultural e são entendidos com bens simbólicos. Assim como a cor vermelha, os torços brancos de pano engomado que são colocados na cabeça das mulheres são características da festa em homenagem a Santa Bárbara. Esse adereço também chamado de borboletas é a representação das asas e do movimento dos ventos que identifica o orixá. Mais uma vez, há relação da tradição católica e da afrodescendente.

As festas populares, nesse sentido, são carregadas de simbologia, que são transmitidos, ao longo dos anos, por meio dos instrumentos, danças, indumentárias que são produzidos por aqueles que participam das

manifestações. Todo esse aparato simbólico expressa a nossa herança cultural híbrida e cada vez mais contemporânea, tentando atender às exigências locais e globais.

De acordo com Friedman (1999, p. 330), “cada região tem para si um modo de fazer e saber fazer”. Na Bahia, a mãe do tabuleiro é Bárbara, santa e dona do acarajé, no candomblé representa Iansã, Oiá, Matamba, Bamburucena, entre outros nomes sagrados (LODY, 2004). Sua festa acontece no dia 04 de dezembro no Largo de São Salvador – Projeto cultural que trata das principais manifestações religiosas e populares, está inserido no Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular/Petrobrás, desenvolvido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP.

Conforme o pesquisador Raul Lody (2004, p.2), cumprindo o calendário religioso da igreja “as chamadas festas de largo traduzem a emoção e o sentimento do povo da Bahia, unindo profundamente santo e orixá, compreendendo de maneira una e

complexa o que é sagrado, o que move e comove a fé”.

Há uma ligação entre as marcas das festas de largo e as festas de terreiros, rituais públicos que se misturam na estética do candomblé (LODY, 2004), andores repletos de flores, barrocos. Uma fusão de bebidas, o samba, o dendê, as comidas típicas da ocasião, as frutas de verão – melancia, caju, manga – trazem cenários de celebrações em que o corpo e o sabor falam com o sagrado, com o santo/orixá homenageado.

É interessante observar o quanto as práticas, os rituais, a música, a dança, as comidas, através das festas e celebrações, são representativos das culturas populares. A igreja do Rosário dos Pretos em Salvador é profundamente identificada à causa do *povo do santo*, são reveladores de expressões religiosas que assumidamente relacionam a fé no terreiro de candomblé e a fé perante o andor na procissão, afirma o pesquisador Lody (2004).

Outras festas acontecem ao longo do ano, tal qual o caruru de Cosme e Damião no dia 27 de setembro em toda Bahia, dia devotado ao santo e acompanhado de costumes e tradições são reveladores da cultura baiana. O caruru vai se constituindo em um prato bastante significativo de datas comemorativas na Bahia. Agrega valores como todo prato servido em uma cultura, requer ingredientes específicos na culinária, feito com quiabos, em rodelinhas, camarão seco, amendoim, castanha-de-caju, dendê e temperos – o xinxim de galinha, o vatapá, o abará, o acarajé, o arroz branco, além do acaçá branco são complementos dessa comida trazida da África pelos negros.

Para Hobsbawm (1997, p. 9), o conceito de tradição é algo inventado pelo processo de formação e de ritualização. De modo que,

o termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas

nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram em enorme rapidez.

As práticas de natureza rituais ou simbólicas, através da repetição, inculcam certos valores e normas e dão continuidade em relação ao passado. Desse modo, o espaço festivo reproduz os rituais das gerações passadas, reforça as tradições, repete códigos comportamentais e também cria novos códigos. Segundo Beltrão (1980, p. 40),

enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da folkcomunicação se destinam a um mundo em que mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e

o lazer, com a conduta, enfim, das classes integradas das sociedades.

As festas populares são grandes atrativos para o setor turístico a exemplo do carnaval, as festas de religiosidade afro-brasileiras, como as já citadas e, também, a festa de iemanjá na Bahia e inúmeras outras festas da *hibridização* (CANCLINI, 2003) da cultura popular brasileira. Opiniões nesse sentido afirmam que:

estudos feitos nas últimas décadas sobre culturas, mídias, globalização, atestam que “as manifestações populares (festas, danças, culinária, arte, artesanato, etc.) já não pertencem apenas aos seus protagonistas” (TRIGUEIRO, 2005). Os acontecimentos e os objetos produzidos pelo povo, antes restrito ao seu meio, receberam o interesse de outras organizações sociais, dentre elas o setor do turismo, transformando-se em produtos comercializáveis no campo do entretenimento (SICRIST, 2007, p. 85).

Sendo assim, questões levantadas a respeito do patrimônio cultural fazem refletir sobre o processo de releitura desse patrimônio e não se esgota no nível conceitual. Implicam conhecimento de novos atores sociais em busca de instrumentos de preservação e de promoção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em tempos de crescente globalização, a proteção, preservação, revitalização, interpretação e promoção do patrimônio cultural de diferentes regiões têm sido pontos fundamentais para a valorização das culturas locais, contribuindo também para o fortalecimento das identidades.

Nessa perspectiva, falar de manifestações culturais populares significa falar das formas de expressão

da cultura de um povo, que se traduzem por meio das festas e todo o aparato simbólico que as acompanha e particularizam um lugar: rituais, canções, danças, comidas, indumentárias etc. Nessas manifestações, relações sociais são produzidas, ajudando a manter a identidade e, ao mesmo tempo, construindo novas identidades em função da interação entre culturas diversas. Tais modificações nas manifestações populares são reflexos do momento peculiar da vida contemporânea, sendo também foco de interesse da folkcomunicação.

A globalização, nesse sentido, iria produzir novas identificações “locais”. Estas identificações estariam ligadas à valorização de manifestações populares que englobam traços e características particulares que distinguem cada região, tendo como base as suas raízes e tradições, recuperando assim, o sentido de sua história. Ao mesmo tempo, estas identificações teriam como referência as características globais da modernidade,

que envolvem relações culturais diversas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Revitalização de manifestações populares tradicionais brasileiras: Re-significação da noção de cultura popular. In: **Anais do III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, 23 e 24 de maio de 2007.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. 2 ed. São Paulo: Papirus, 2000. Coleção Turismo.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana

Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2003b.

CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. "Manifestações Culturais" In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.

DA MATTA, R. **Notas sobre el simbolismo dela comida em Brasil**. In: Revista L'Homme, França: 1988.

FRIEDMAN, J. Ser no mundo: Globalização e localização. In: FEATHERSTONE, M. (Org.) **Cultura global**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GADINI, Sérgio Luiz. Cultura Popular. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. P. 54-58

HOBBSAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LODY, Raul. **Eparrei, Bárbara: fé e festas de largo do São Salvador**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2004.

MAZOCO, Eliomar Carlos. **Festas e artesanato em terras do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2007.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**, n. 10, São Paulo: PUC-SP, 1993, p. 07-28.

OLIVEN, R. G. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. ABREU, R; CHAGAS, M. (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

PELLEGRINO, Carlos Tranquilli. Patrimônio Cultural Urbano: de quem: Para Quê? In: **3º Congresso Virtual de Antropologia y Arqueologia**, Ciberspacio, 2002. Disponível em

<http://www.naya.org.ar>. Acesso 27 de março de 2003.

SICRIST, Marlei. “Folkcomunicação Turística” In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 85-88

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De Leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro: Abralic, 2002.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Internacional De Folkcomunicação**. Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Ano III, Número 5 - Junho/2005.

\_\_\_\_\_. Festas Populares. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 107-112

